



Vinhos de Lisboa crescem em Portugal e no mundo

Já não restam quaisquer dúvidas de que 2019 ficará marcado como um dos melhores momentos de sempre na História dos Vinhos de Lisboa, ou não estivéssemos a falar de um ano que registou “um crescimento próximo dos 20%” em comparação com 2018, com “recordes absolutos a serem batidos todos os meses”, tal como revela Francisco Toscano Rico. Com esta taxa de crescimento, as vendas da Região Demarcada dos Vinhos de Lisboa poderão chegar perto das 60 milhões de garrafas, alicerçadas num aumento do lado da procura no mercado nacional e nos mercados internacionais, que representam já 80% das vendas em mais de 70 países.

Subjacente a este aumento da procura (justificado pelo interesse crescente por parte dos consumidores, por exemplo, dos Estados Unidos, Canadá, Brasil e norte da Europa), está “o reconhecimento da excelência dos vinhos

Francisco Toscano Rico, presidente da direção da Comissão Vitivinícola da Região (CVR) de Lisboa, fala-nos sobre o intenso dinamismo de um produto e de um território cuja excelência tem conquistado, dia após dia, novos públicos.

da Região de Lisboa”, evidente na contínua conquista de “prémios e distinções internacionais”. Indissociável de todo este sucesso é a consistência na qualidade que é transversal aos vinhos de Lisboa – seja nos segmentos premium, ou nas gamas de consumo mais corrente –, uma Região vinhateira que se caracteriza pela diversidade de terroirs e que beneficiou, nos últimos anos, de uma “revolução silenciosa nas vinhas de Lisboa”, assente na implementação de “novos métodos de produção, e numa orientação para a qualidade com uma criteriosa seleção de castas”.

“Em termos de mercado nacional, esta é claramente a Região que mais tem crescido em percentagem de vendas, o que nos deixa francamente otimistas para o futuro”, constata o presidente da direção, antes de salientar a estratégia que a CVR reserva para o futuro próximo: “queremos que esta seja, até 2050, a Região Vitivinícola mais competitiva do país”. Essencial para esse esforço é não apenas a contínua aposta no controlo de qualidade e no processo de certificação, como garante da credibilidade e reputação da Marca Lisboa, mas também o investimento no Enoturismo. “Costumo dizer que o vinho é território e que ele só faz sentido com essa ligação”, elucida o nosso interlocutor, numa referência ao efeito que esta atividade económica pode exercer no sucesso futuro da Região.

“Lisboa foi considerada pela prestigiada revista americana “Wine Enthusiast” como um dos dez melhores destinos enoturísticos a visitar em 2019”, lembra o presidente da direção, convicto de que será “através desta atividade que o setor poderá crescer – não em volume, mas sim em valor”.



Será, por isso, com intensa ambição e renovado otimismo que a CVR Lisboa encarará as próximas etapas de um processo que pretende levar o aroma, a textura e o sabor de toda uma Região cada vez mais longe.

O ADN DE UM TERRITÓRIO

Questionado sobre os aspetos que melhor caracterizam os vinhos produzidos nesta Região, Francisco Toscano Rico salienta o fator “qualidade”, que tem permitido “posicionar o território de forma clara no mercado”. Por outro lado, e numa alusão a elementos de natureza mais técnica, sublinhe-se a tipologia de solos de Ph básico (a maior mancha contínua do país), com predominância dos argilo-calcários, a topografia marcada pela cordilheira formada pelas Serras D’Aires, Montejunto, Socorro e Sintra, pelo relevo ondulado das colinas com diferentes exposições solares e “a influência atlântica”, refletida “na frescura e mineralidade que confere aos vinhos”.

Outro valioso atributo desta Região Vitivinícola reside no equilíbrio permitido pela existência de territórios de maior interioridade, com mais horas de sol e calor (capazes de proporcionar vinhos de maior estrutura, complexidade e capacidade de guarda). Em ambos os casos, são sempre vinhos muito gastronómicos, o que é um trunfo fantástico na hora de escolhermos o vinho.

Verificamos, por outras palavras, “uma diversidade de terroirs” a que nunca será alheio o contributo de castas tão importantes como, por exemplo, o Arinto, Fernão-Pires, Vital e Alvarinho (brancos) ou, também a título ilustrativo, a Touriga-Nacional, Alicante-Bouschet, Aragonez e o Castelão (tintos). Hoje em dia, “os blends da Região de Lisboa podem ser feitos não só com castas nacionais, que predominam, mas também com uma mistura de caráter internacional (como por exemplo o Sauvignon-Blanc, Viognier e Marsanne, nos brancos e o Syrah ou o Pinot-Noir e Tannat nos tintos) que o consumidor externo muitas vezes já conhece e aprecia”, conclui o nosso interlocutor, consciente do interessante percurso que os vinhos da Região de Lisboa hão-de continuar a protagonizar no decorrer dos próximos anos.

Francisco Toscano Rico finaliza dizendo que “categorias como o vinho leve, os rosés, os espumantes, as colheitas tardias e a aguardente da Lourinhã assumirão uma importância crescente no mercado, e que a força histórica, a raridade e a altíssima qualidade dos vinhos de Colares, Carcavelos e Bucelas ajudarão a projetar ainda mais este magnífico território vinhateiro, que abraça a cidade de Lisboa e se estende para norte, ao longo da faixa costeira até Leiria, Ourém e Pombal”.

